



RICARDO AZEVEDO

Fazedor de tatuagem

ILUSTRAÇÕES DO AUTOR

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

De leitores e asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “*quer*” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



Fazedor de tatuagem

RICARDO AZEVEDO



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ricardo Azevedo, escritor e ilustrador paulista, é autor de mais de cem livros para crianças e jovens, entre eles: *Um homem no sótão*, *Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões*, *Lúcio vira bicho*, *Trezentos parafusos a menos*, *Armazém do folclore*, *Ninguém sabe o que é um poema* e *A hora do cachorro-louco*. Tem livros publicados na Alemanha, Portugal, México, Holanda e França. Entre outros prêmios, ganhou quatro vezes o Jabuti. Doutor em Letras (USP) e pesquisador na área da cultura popular. Para saber mais, visite o *site* do escritor: www.ricardoazevedo.com.br.



RESENHA

Certo dia, o narrador-personagem, ainda menino, procurou seus pais e comunicou o que queria fazer da vida: ser um fazedor de tatuagem. Os pais, surpresos e incomodados, preferiram pensar que aquilo tudo era apenas bobagem de criança. Ledo engano, já que o garoto ensaiava o primeiro passo para ser um verdadeiro tatuador: aprender a desenhar, a desenhar tudo o que via pela frente. A tarefa, no entanto, era menos

fácil do que parecia, já que o menino logo descobriu que domar uma linha era, como dizia sua avó, tão difícil quanto domar cavalo xucro. Mas o garoto não desistia fácil e, aos poucos, foi descobrindo muitas coisas: que era melhor desenhar aquilo que realmente o tocasse e surpreendesse do que retratar qualquer coisa que visse pela frente; que os desenhos não precisavam necessariamente ser fiéis ao mundo real, já que não são a mesma coisa que fotografia; que às vezes era possível desenhar uma coisa para falar de outra, era possível criar símbolos. E assim o garoto, que começou desenhando árvores, casas e cães, aprendeu a desenhar a menina mais bonita que já tinha visto na vida, as sombras escuras que às vezes sentia dentro do peito, o medo de que seus pais se separassem, a alegria, a esperança, a culpa e muitas outras coisas indizíveis.



COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Nessa delicada narrativa em primeira pessoa, Ricardo Azevedo refaz a trajetória (autobiográfica?) de um garoto que se descobre artista. Fazer arte, lembra-nos o autor, não é tarefa fácil: é preciso um longo caminho de treino e amadurecimento; é preciso aprender a fazer escolhas. O processo de aprendizado de um artista não diz respeito unicamente à sua técnica: ele deve descobrir aquilo que realmente quer dizer, deve aos poucos reconhecer e desenvolver um estilo próprio. Ao mesmo tempo em que explora a relação do personagem com o desenho, o narrador nos desvela de forma delicada seu universo íntimo: seus medos, seus amores, suas dúvidas e hesitações, sua relação respeitosa e próxima com a avó, que nunca se lembra de que ele é o seu neto. O trabalho de um artista, lembra-nos o autor, possui, quase sempre, uma relação direta, ainda que nem sempre óbvia, com a sua vida.

Gênero: narrativa em prosa

Palavras-chave: arte, amadurecimento, família, primeiro amor

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa

Temas transversais: Ética

Público-alvo: 5º ao 8º ano do Ensino Fundamental.



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Estimule seus alunos a traçar hipóteses a respeito do conteúdo da obra a partir das imagens da capa e do título do livro. Será que se trata da história de um verdadeiro fazedor de tatuagens?
2. Proponha também que realizem uma pesquisa a respeito da tatuagem. Qual é sua história? Em quais culturas essa prática é bastante

presente? Quais suas técnicas? Hoje em dia, as tatuagens continuam a ser definitivas ou já existe alguma tecnologia para removê-las? Sugira que os estudantes reúnam imagens de tatuagens para trazer para a classe.

3. Divida a classe em duplas ou trios e proponha que entrevistem uma ou mais pessoas tatuadas que conheçam, fazendo as perguntas que desejarem a respeito de suas tatuagens. Quando cada uma delas foi feita? Como foi escolhida a imagem a ser impressa na pele? Ela possui algum significado especial? Será que essa pessoa já se arrependeu de alguma tatuagem que fez? Ela planeja fazer outras? Sugira que os alunos preparem as perguntas com antecedência e registrem a entrevista com o auxílio de um gravador ou MP3.

4. Deixe que os alunos leiam as entrevistas transcritas pelas outras duplas. Quais são os pontos em comum e as diferenças entre elas? De acordo com os depoimentos colhidos, quais são os principais motivos que levam alguém a fazer uma tatuagem?

5. Chame a atenção da turma para o fato de que o autor e o ilustrador do livro são a mesma pessoa. Estimule-os a visitar o *site* de Ricardo Azevedo para conhecer mais sobre seu trabalho: www.ricardoazevedo.com.br. Na seção *Entrevistas e matérias publicadas*, é possível ouvir o próprio autor e ilustrador falando a respeito de seu trabalho, em que entrecruza o desenho e a escrita, e encontrar ainda algumas entrevistas inusitadas, como *Entrevista a um cachorro* e *Entrevista a um papagaio*. Na seção *Ilustrações*, é possível encontrar belas imagens criadas pelo artista.

Durante a leitura:

1. Diga a seus alunos que procurem perceber os momentos em que a visão do narrador-personagem sobre a tatuagem e sobre o desenho se altera profundamente.

2. Veja se notam a maneira como em muitas das ilustrações do livro Ricardo Azevedo cria o desenho e o traço do narrador-personagem. Caso não tenham se dado conta, leve-os à biblioteca para que apreciem seu estilo como ilustrador.

3. No decorrer da narrativa, as ilustrações vão se transformando: veja se seus alunos notam como ao final do livro elas se tornam mais surreais e simbólicas. O que essa mudança de traço e temática sugere?

Depois da leitura:

1. Ao longo do texto, o autor fala sobre três maneiras de desenhar, que muitas vezes se entrecruzam: a) desenhar as coisas o mais próximo possível daquilo que elas são; b) desenhar as coisas “do seu jeito”, sem se preocupar com a verossimilhança; c) desenhar uma coisa para falar de outra: criar símbolos. Proponha que os alunos façam individualmente um desenho de cada tipo, escolhendo os temas que desejarem. Para realizar essa tarefa, seria interessante que os estudantes saíssem um pouco de dentro da sala de aula: deixe que percorram o espaço da escola, observando o máximo possível

de detalhes, até que encontrem alguma coisa que chame a atenção deles, que os toque, que evoque memórias e sensações.

2. Logo no início do livro, ao comentar como as construções podem resultar em acidentes terríveis, o narrador dá exemplo de três acontecimentos recentes, muito diferentes entre si, que foram amplamente divulgados pelos jornais: o buraco na linha amarela do metrô em São Paulo, o desabamento do palco no show do Guns'n Roses e a morte do padre que queria ficar vinte horas suspenso em coloridos balões de gás. Proponha que as crianças, em primeiro lugar, escolham um desses casos e procurem na internet mais informações a respeito. Em seguida, peça que recontem essa história em primeira pessoa, do ponto de vista de um dos personagens envolvidos no evento, e optem por contá-lo: a) do modo mais realista possível, b) à sua maneira, alterando um pouco os fatos para revelar a forma de enxergar as coisas do próprio personagem, c) transformando a história em símbolo, contando-a para falar de outra coisa (ex.: o desabamento do metrô para falar de uma decepção profunda na vida de um personagem etc.).

3. Uma das três grandes descobertas que o protagonista fez a respeito dos desenhos se deu a partir de um comentário da bela Marina: "Desenho é desenho e fotografia é fotografia. Você não é máquina fotográfica!". Mal sabia a menina que estava enunciando algo realmente importante: o advento da fotografia deflagrou mudanças profundas na história da arte – de fato, ele está profundamente associado ao surgimento e consolidação daquilo que entendemos por arte moderna. Após a invenção da fotografia, não cabia mais à pintura a função de reproduzir fielmente a realidade, já que isso a máquina fotográfica poderia fazer com perfeição. Os artistas passaram a se indagar, então, sobre as especificidades da linguagem da pintura. Converse um pouco sobre isso com seus alunos e proponha que realizem uma pesquisa a respeito do *Impressionismo*, movimento artístico que surge exatamente nesse momento: ele se caracterizava pela tentativa de retratar não a realidade em si mesma, mas tal como aparecia aos olhos do artista. Procure mostrar à classe livros com reproduções de obras do período, de artistas como Manet, Monet, Renoir, Degas e Pissaro.

4. A ilustração da página 59, que retrata um sapato-pé, faz referência a um quadro do pintor surrealista René Magritte, *La modèle rouge*. Traga uma reprodução desse quadro para mostrar à turma e, em seguida, proponha que realizem uma pesquisa a respeito da obra desse pintor e do movimento de que fez parte, o Surrealismo, manifestação artística que explorou muito a "terceira forma de desenhar" descoberta pelo garoto: a criação de símbolos para retratar coisas indesejáveis.

5. Leia com seus alunos o texto do autor ao final do livro, em que ele comenta que esse livro surgiu da ideia de uma outra história, que nunca foi escrita: a de um tatuador que deixa de executar os desenhos que lhe pedem para tatuar "imagens vindas de dentro, realmente suas". Solicite então que os alunos deem vida a essa história projetada pelo autor, escrevendo-a em primeira pessoa. Eles podem tanto optar por uma narrativa realista quanto introduzir elementos oníricos e surreais...

Nas telas do cinema

O curta *O cão andaluz*, dirigido por duas das figuras máximas do movimento surrealista, o cineasta Luis Buñuel e o pintor Salvador Dalí, é considerado o marco inicial do Surrealismo no cinema. O filme, uma impressionante sequência fragmentada de imagens simbólicas e oníricas, desconcerta o espectador ao se desvincular completamente de qualquer realismo, lógica ou verossimilhança. Distribuição: Versátil Home Video.



LEIA MAIS...

1. DO MESMO AUTOR

- *Um homem no sótão*. São Paulo: Ática.
- *Lúcio vira bicho*. São Paulo: Cia. das Letras.
- *Trezentos parafusos a menos*. São Paulo: Cia. das Letras.
- *Chega de saudade*. São Paulo: Moderna.
- *Contos de espanto e alumbramento*. São Paulo: Scipione.

2. DO MESMO GÊNERO

- *Luna Clara e Apolo onze*, de Adriana Falcão. São Paulo: Salamandra.
- *Outroso*, de Graciela Montes. São Paulo: Salamandra.
- *Momo e o senhor do tempo*, de Michael Ende. São Paulo: Martins Fontes.

3. LEITURA DE DESAFIO

Falando em tatuagens e símbolos, sugerimos a leitura de um fascinante livro de contos de um dos mestres da ficção científica, Ray Bradbury: *O homem ilustrado*. O personagem principal, fio condutor da obra, é um sujeito cujo corpo é todo ilustrado (não exatamente tatuado): cada ilustração conta uma história diferente. Muitas delas se passam em outro tempo, num futuro ainda distante, retratando a atmosfera melancólica de planetas destruídos. O livro, que foi publicado no Brasil pela editora Edibolso, com o título *Uma sombra passou por aqui*, infelizmente se encontra esgotado, disponível apenas em bibliotecas e sebos – vale a pena conferir o [site www.estantevirtual.com.br](http://www.estantevirtual.com.br), onde é possível encomendar obras disponíveis em diversos sebos do país. Existe ainda uma versão portuguesa, com o título original, publicada pela editora Europa-América.